

Caminhos alternativos para a priorização e para a ampliação da educação humanística e social no ensino de Arquitetura e Urbanismo

João Paulo Brasil Coimbra¹

Resumo

Historicamente e tradicionalmente o profissional de arquitetura e urbanismo sempre esteve incorporado e incumbido da prática projetual mostrando o domínio das atribuições técnicas e artísticas, atendendo às demandas de clientes em seus espaços privados ou da população local nos espaços públicos, no entanto, uma parcela destes profissionais não tinham e ainda não têm uma sensibilidade social necessária para que os seus serviços sejam mais acessíveis às pessoas com baixo poder aquisitivo além da preocupação em se criar cenários urbanos menos segregadores. Pensemos até onde a formação humanística e social no ensino de arquitetura e urbanismo tem a capacidade de formar profissionais com maior sensibilidade às causas sociais e não com uma perspectiva mercadológica e pragmática. Sendo assim, há a necessidade de uma maior valorização, assim como da aplicabilidade, dessas atribuições que se tornaram prioridades no atendimento às causas sociais, além de se destacar a dimensão da responsabilidade social do profissional arquiteto e urbanista.

Palavras-chave: Educação, humanismo, igualdade e responsabilidade social.

Alternative paths to prioritize and expand humanistic and social education in the teaching of Architecture and Urbanism

Abstract

Historically and traditionally, the professional of architecture and urbanism has always been incorporated and entrusted with the design practice showing the mastery of technical and artistic attributions, meeting the demands of clients in their private spaces or the local population in public spaces. However, a portion of these professionals did not and still do not have the necessary social sensitivity to make their services more accessible to people with low purchasing power, besides concerning themselves with creating less segregating urban settings. We should think to what extent humanistic and social training in the teaching of architecture and urbanism can train professionals with greater sensitivity to social causes and not with a market and pragmatic perspective. Therefore, there is a need for greater appreciation, as well as the applicability, of these attributions that have become priorities in addressing social causes, in addition to highlighting the social responsibility dimension of the professional architect and urban planner.

Keywords: Education, humanism, equality and social responsibility.

¹ Arquiteto e Urbanista pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense EAU-UFF em 2008, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense PPGAU-UFF em 2022, e atualmente é discente no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Política e Planejamento Urbano pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro IPPUR-UFRJ.

1. Discutindo um pouco a respeito do passado da profissão, assim como indagações pertinentes à responsabilidade social relacionada à acontecimentos históricos.

Alguns costumes, concepções e valores, que estiveram presentes há séculos e séculos atrás, no que diz respeito ao ofício projetual infelizmente ainda são notados na atualidade, estes que dificultam a plena concretização dos atributos e princípios éticos, sociais e humanísticos inseridos no campo de atuação da arquitetura e do urbanismo. É importante uma reflexão crítica sobre o fazer arquitetônico em épocas distantes, para o amadurecimento e para a descoberta de alternativas para que o mesmo tenha um alcance social satisfatório e amplo, estabelecendo o verdadeiro sentido e a importância deste campo de trabalho.

1.1 O ofício em seus primórdios, sob críticas, visando uma adequação a realidade com foco nas questões sociais.

Uma das profissões mais antigas da história da humanidade, o planejamento e a composição das construções e dos artefatos materiais que irá compor o cenário do dia a dia das pessoas, seja em qualquer parte do mundo, sempre teve muito reconhecimento por parte, tanto dos setores ligados ao poder como também pelos demais estratos dos grupos sociais, além de ser uma tarefa que necessita de uma articulação entre conhecimentos técnicos, artísticos, econômicos e o que é de fundamental importância, a necessidade daqueles que futuramente usufruirão do produto final.

O fazer arquitetônico do ponto de vista da aquisição, se for olhar para a história, sempre esteve vinculado ao poder econômico, ao poder político ou ao poder religioso. Isto, de um modo geral. Como citado anteriormente, sempre houve muito reconhecimento e prestígio por parte dos elevados estratos sociais e sendo assim, é um ofício que carrega consigo, historicamente e tradicionalmente, um enobrecimento e também um elitismo que até certo ponto, poderia ter sido menor caso não houvesse uma estratificação acentuada na organização da maioria dos povos ao redor do planeta, também historicamente, passando por todas as dinastias e impérios até chegar à era moderna².

Pode-se exemplificar um trecho do argumento acima, através de uma abordagem feita sobre a atividade projetual, de certa forma, também remetida ao passado, mostrando que no presente não convém ser aplicada. Segundo Silva (1986), é mencionado que o elitismo

² Entre as décadas de 1920 e 1940, um número bastante representativo dos arquitetos visava uma linguagem estética, funcional e tecnológica em sintonia com as condições determinadas pelo seu tempo para sua atividade. No entanto, para um outro grupo de profissionais da mesma área, o exercício projetual estava essencialmente voltado para as questões sociais ligadas à arquitetura e ao movimento da história da época em curso. De um certa maneira, entende-se que havia uma certa desconsideração entre estes últimos, se comparado aos primeiros, devido ao seu comprometimento com o mundo da burguesia e o seu descompromisso com as transformações da sociedade, ver em Cordeiro (2012).

associado aos setores do poder, referindo-se às elites dominantes, acaba colocando em segundo plano as demandas sociais e que o entendimento do que é arquitetura já não pode ser mais o mesmo que teve origens na era renascentista:

As elites dominantes sempre, historicamente, erigiram a arquitetura como símbolo ostensivo do poder, utilizando a arquitetura dita de *pedigree*, como marca de dominação. O artista do Renascimento, *l'Architect du Roi*, não necessitava ser lógico, bastava-lhe a capacidade de conceber o suntuoso e monumental. O subjetivismo intuitivo é um ingrediente importante nesse modelo de criação. No entanto, naquilo que pretende ter de relevância social, a arquitetura não pode depender da racionalidade objetiva, pois essa é um imperativo dos contextos onde não cabem o desperdício e a ostentação narcisista. As exigências sociais contemporâneas se exprimem em tipologias arquitetônicas nas quais a excelência arquitetônica é aferida em atributos com funcionalidade, economia e modéstia. Tal arquitetura não pode ser produzida dentro de uma concepção que data do Renascimento (Silva, 1986, p.28).

1.2 Reflexões sobre as influências produzidas pelas transformações socioeconômicas na era pós-industrial impactadas nos cenários urbanos.

Como explicitado anteriormente, o ofício da arquitetura, considerando também o planejamento urbano, sempre esteve em sintonia com a hierarquia construída entre as civilizações, estando este ofício vinculado àqueles com o poder de intervenção nos espaços e economicamente dominantes. Com os acontecimentos registrados a partir da segunda metade do Século XVIII, particularmente no continente europeu, pondo fim à era absolutista, leva-se a refletir e a questionar, devido às conseqüentes mudanças no modo de produção e também no modo de vida das pessoas, se os profissionais do fazer arquitetônico assim como os mesmos no ensino das academias³ do momento em questão, passaram a dar uma maior atenção as causas sociais, com a intenção de beneficiar e atender aos menos favorecidos socioeconomicamente. Para esta abordagem é necessário destacar os empenhos e os estudos dos filósofos e sociólogos que acabaram se tornando referências para transformar a ordem burguesa que estava sendo consolidada no Século XIX, os mesmos sinalizando e apontando os prejuízos e os danos sociais aos menos favorecidos e excluídos:

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra a sua espoliação. Agora, necessária e urgente se

³ A existência da Academia de Arquitetura, que foi uma instituição do conhecido *ancien régime*, terminaria no ano de 1793, com a sua extinção pelo governo revolucionário. Ela foi bem sucedida em barrar o avanço da arquitetura barroca e conseguiu fazer com que a arquitetura da França se mantivesse ortodoxamente classicista no período em que operou. Além disso, ela havia fomentado a produção de uma rica teoria arquitetônica no País, ver em Souza (2001).

fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos, submetidos à fereza da ética do mercado (Freire, 2019, p.125).

Pode-se refletir criticamente, constatando ou não, se devido às mudanças estruturais no modo de vida ocorridas na era pós-absolutista e também com o destaque para as ideologias de transformação social, que foram trabalhadas e estudadas pelos sociólogos e filósofos de referência no Século XIX, estas que vieram em contrapartida, se isto de alguma maneira sinalizou os setores de arquitetura e urbanismo e seus colaboradores, da mesma forma que as academias de ensino da época, para uma maior sensibilização às causas sociais.

Certamente, não. É interessante citar dois exemplos registrados nas cidades de Paris e no Rio de Janeiro, onde na primeira entre as décadas de 1850 e 1860, no Século XIX, Barão de Haussmann conduz a remodelação da cidade, mas de uma forma bastante hierárquica, em sintonia com a ordem burguesa e com o propósito também de acabar com as barricadas, insurreições e movimentos populares que aconteciam em Paris naquele momento. E no caso carioca, a Reforma Pereira Passos, implementada no período de 1902 a 1906, no início do Século XX, sendo o primeiro exemplo de intervenção maciça do Estado no espaço urbano, consolidou a conformação socioterritorial da cidade de forma estratificada e hierárquica. Um *Hausmann Tropical*, como foi comentado posteriormente. Exemplificando.

Somente, muitas décadas mais tarde, no decorrer do Século XX, atravessando a era moderna e depois atingindo a era pós-moderna, esta última marcada por um aprofundamento no que diz respeito às consequências humanas, é que a responsabilidade social do arquiteto e urbanista ganhou uma maior dimensão e conscientização devido à exposição dos sérios problemas não apenas para a habitação, referindo-se à habitação de interesse social, mas também para um urbanismo mais igualitário com espaços menos segregadores, assim como as críticas ao tradicional *glamour* incorporado ao arquiteto e urbanista.

2. Sobre perfil do profissional que se manteve nas últimas décadas, fazendo uma relação com o ensino das academias, passando pelas expectativas dos futuros estudantes e do “entendimento” que a sociedade tem a respeito das atribuições do arquiteto e urbanista por consequência dos meios de comunicação.

O relativo pragmatismo notável no exercício profissional, assim como o seu maior direcionamento para o mercado privado e também para o atendimento aos elevados estratos sociais, continuou a se perpetuar por muitos anos (e ainda se perpetua), tendo este fato uma relação com o ensino nas academias também. Destacando outro fato de que boa

parte das pessoas que se interessam por esta carreira carecem de um amadurecimento e de uma maior convicção, e também de informação, para que façam uma escolha certa. E, além disso, a sociedade de um modo geral, sendo importante destacar o caso brasileiro, tem uma visão limitada e até distorcida de certa forma, além de ter muito pouca informação dos atributos desta profissão, onde os meios de comunicação dão uma grande contribuição para tal fato.

2.1 Alguns destaques sobre o modelo do ensino de arquitetura e urbanismo das academias na era moderna, destacando o caso brasileiro, considerando um certo pragmatismo que ainda foi mantido.

Em nosso país nota-se alguns exemplos de faculdades de arquitetura e urbanismo de relevância e pioneirismo, que foram implantadas e também passaram por reformas na primeira metade do Século XX. Dois grandes exemplos são a Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, fundada em 1930, onde aconteceram casos de muitas críticas por parte de alunos a respeito de um certo engessamento⁴ e padronização que inibia a criatividade e a liberdade (Oliveira e Perpétuo, 2005).

Outro fato foi a direção da Escola Nacional de Belas Artes – ENBA por Lúcio Costa assumida a partir da década de 1920 onde ele propôs uma reforma desvinculando o ensino de Arquitetura das Belas Artes e inserindo no currículo do curso as disciplinas de Urbanismo e de Paisagismo. O ensino de Arquitetura viria a assumir uma identidade peculiar, mais próxima da problemática urbana e das novas técnicas da indústria da construção (Cordeiro, 2012).

Comas (1986) faz uma abordagem sobre a ideologia modernista e o ensino de projeto arquitetônico, mostrando um conflito entre as duas proposições, o autor explica que a formação profissional do arquiteto aqui no Brasil esteve vinculada desde 1950 a um marco ideológico modernista, que teve origem entre as décadas de 1920 e 1930 mediante uma articulação entre arquitetos europeus de vanguarda. O mesmo autor também destaca o fato de um número considerável de realizações de grande relevância em que a mesma atesta a revitalização sobre a arquitetura aqui no Brasil em um agrupamento de teorias, valores, paradigmas e princípios de projetos responsáveis pela composição. Provavelmente, devido a este fato não houve muita atenção às contradições que vieram a acontecer:

Infelizmente, nenhuma das duas teorias modernistas comentadas estimulam o exercício do juízo crítico aplicado de maneira específica ao projeto e a obra de

⁴ “... Eu quero dar o grito de alarme. A Escola está anestesiando, sufocando e escravizando os alunos de arquitetura. Estão sendo transformados em autômatos reprodutores de formas antiquadas e quinquilharias de arquitetura. É a campanha da imbecilização: tornar os alunos mais boçais e burros para que os professores possam brilhar e ter uma vida mais sossegada [...] Queremos a liberdade de procurar nos livros aquilo que a Escola não ensina ou ensina mal. ...” Ver em Oliveira e Perpétuo (2005).

arquitetura. Para uma, a arquitetura se dissolve em híbrido desconexo, parte engenharia, parte ciência social. O objeto da crítica arquitetônica se desloca para questões de tecnologia e programa, que são hipervalorizadas. A preocupação com especificações formais concretas se torna secundária, quando não é tachada de frivolidade. Para outra, a arquitetura é manifestação de criatividade do gênio potencialmente latente em todo arquiteto. O debate crítico é recusado, porque supostamente inibe e castra (Comas, 1986, p.39).

O conceito de Arquitetura sempre esteve vinculado a uma melhor maneira de viver, no entanto se esta profissão se limita aos aspectos técnicos da construção, certamente cessará a sua contribuição à sociedade. No entanto, se mantiver constantemente o seu ângulo de interesse ampliado, o produto será a aceitação do desafio de problemas sem precedentes e em setores, à primeira vista, deslocados em função das atividades delimitadas pelos atuais projetos de arquitetura (ABEA, 1977).

2.2 Sobre a perspectiva dos futuros estudantes a respeito do curso de arquitetura e urbanismo, assim como a necessidade que os mesmos têm para uma maior convicção.

A grande maioria dos futuros alunos da graduação tem a necessidade de uma maior convicção⁵ e segurança, assim como de um conhecimento mais consistente e esclarecedor a respeito desta carreira, para que os mesmos façam uma escolha consciente e abraçando um compromisso com o campo de atuação onde poderão trabalhar futuramente.

Segundo Lima (2013) devido à complexidade da formação em Arquitetura e Urbanismo, envolvendo interesses na área artística e também na área técnica, esta escolha não se torna fácil. Um outro ponto, está no fato de boa parte dos futuros graduandos terem em média 16 e 17 anos, sendo assim, com pouca informação e com a dúvida se ingressam na profissão ou não. A mesma autora ressalta a importância, já mencionada acima, em esclarecer os futuros graduandos sobre os assuntos referentes às atribuições profissionais, para a convivência com tal realidade além do direcionamento de seus interesses:

O despreparo dos ensinos médio e fundamental, aliado a um descolamento da realidade divulgado pela mídia, faz com que ingressem cada dia mais novos alunos com falta de informação e dificuldades em certos nichos de aprendizado. Para tornar ainda mais complexa a situação, observamos que não há consenso sobre o que é um arquiteto, e a multidisciplinaridade do curso atrai alunos com diferentes interesses. Sim, é difícil lidar com essa situação e todas as dificuldades dentro de uma universidade que depende de recursos de um Governo que não prioriza a

⁵ A educação no sentido da formação de convicções, não é desenvolvida somente na escola. Ela também é desenvolvida em casa, nas ruas, na igreja, na fábrica, no bar, nos meios de comunicação e em outros lugares. Estando inserido nas influências que convêm observar e propiciar estão: educação física e mental, ético e laboral, moral e axiológica, política e ideológica, artística e estética, e intelectual e criativa, ver em Luaiza (2000).

educação em sua política. No entanto, todos que entram nesse projeto de dividir seus conhecimentos, de gerar possibilidades para a sua construção, podem se buscar nos ensinamentos de Paulo Freire e a energia de formar, re-formar e ser formado (Lima, 2013, p.3-4).

Uma outra questão que é muito importante ser abordada, é o interesse pela carreira devido à referências familiares, fazendo com que a escolha venha com um peso significativo por parte de pais, mães, tios e primos que já seguem a carreira há um bom tempo, bem sucedidos e renomados, onde o futuro ingressante, no decorrer do curso, pode não se identificar com o mesmo, seja por inabilidades ou pelo fato do curso não corresponder as suas expectativas.

2.3 A imagem do profissional que é difundida pela mídia impactando diretamente na visão distorcida e limitada que a sociedade incorpora a respeito do arquiteto e urbanista.

Mencionando mais uma vez, o fato desta carreira carregar consigo um elitismo, um *estrelismo*, há décadas e décadas, tendo como um de seus maiores difusores esta mídia capitalista predominante, que consegue seja através de filmes, novelas, comerciais e outras programações, transmitir para o público espectador uma imagem elitista do arquiteto, reforçando a riqueza, o requinte e o luxo. Desta forma, a mídia se torna um bom colaborador nesta difusão de uma imagem equivocada do profissional para a sociedade.

Segundo Lima (2013) a mídia tem um considerável papel nesta divulgação distorcida e equivocada do dia a dia, assim como das competências da profissão, onde as novelas frequentemente apresentam arquitetos com muito dinheiro, trabalhando pouco e prestigiados. Sendo assim, a mídia torna-se um dos meios principais de transmissão dessas “informações” para o público geral, fazendo com que muitos estudantes tomem a decisão de seguir a carreira em busca de *glamour*, mediante o senso comum.

Outro fato mostra que a sociedade interpreta o arquiteto e urbanista, como o profissional que faz “o projeto”, ou “a planta da casa”, mostrando que a mesma ainda tem uma visão bastante reduzida e limitada sobre as atribuições e as competências do profissional, onde mesmo nos dias atuais o arquiteto ainda é confundido com o engenheiro civil, sendo muito comum ouvir: - Eu preciso de um “engenheiro”⁶ para fazer o projeto da minha casa. E em se tratando dos atributos vinculados às causas sociais como a habitação de interesse social, urbanismo igualitário com espaços menos segregadores, o direito à cidade, e outras necessidades, nota-se uma falta de informação bem maior por parte da

⁶ “... Mas nunca chegamos a ponto de ouvir com certa frequência frases do tipo: ‘A arquitetura deveria ser uma especialização da engenharia’. Ora, isto é falta de cultura e mostra total desconhecimento da capacitação profissional....” Ver em Maiolino (1997).

sociedade, pois a mesma sabe muito pouco, ou nada, a respeito da responsabilidade social do arquiteto e urbanista:

Outro aspecto a se considerar é o limite imposto pelo imaginário profissional a respeito da própria profissão. Sobre ele pesa o resquício de olhar com um único olhar a maneira de exercitar a profissão: o “ser arquiteto” na visão dos arquitetos não incluiu as diversas maneiras, possíveis e necessárias à sociedade, de “ser arquiteto”. Ainda que algumas poucas dessas maneiras sejam consideradas, apenas uma delas é privilegiada: “fazer projeto” de casa, de sonhos, de obras, de esperanças, de desejos... Não interessa, basta que seja “Projeto”, com letra maiúscula, para demonstrar e registrar a sua importância para a vida e a existência de um arquiteto e urbanista! (Meira, 2001, p.100).

3. Sobre as alternativas para priorizar e para ampliar a formação humanística e social do arquiteto e urbanista, objetivando maior dimensão e presença nos campos de atuação, com reflexos inclusive na visão que a sociedade passará a ter a respeito do profissional.

Realmente, esta é uma investida nada fácil. Um trabalho árduo. Pois a classe profissional em associação com as academias, com o conselho de classe e os institutos representantes, mesmo que unidos e conscientes da importância de uma maior valorização da formação humanística e social na grade curricular e também para que estes atributos sejam postos em prática, não ficando apenas na teoria, torna-se fundamental a colaboração dos setores públicos e privados que têm um peso considerável na realidade dos cenários urbanos e na conformação socioterritorial de nossas cidades, a partir de seus vetos jurídicos, pois esta conscientização também deve estar presente na mente destes gestores. Este é um dos pontos.

Outro ponto está na qualidade do ensino, na forma como esta priorização e ampliação poderá ser trabalhada e conduzida. Entrando nesta questão o empenho das direções e coordenações dos cursos de graduação e de pós-graduação, as possíveis reformas nas grades curriculares, a formação e atuação do corpo docente, assim como a qualidade e adequação dos espaços de ensino. Sobre este último, Paulo Freire faz uma abordagem em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, destacando a importância que estes ambientes têm e impactam na qualidade e na boa fluidez do ensino:

O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica (Freire, 2019, p. 64 e 65).

É importante e também interessante, fazer um destaque sobre a questão do ensino, mesmo que de forma genérica, envolvendo o humanismo e a sensibilidade, mostrando que estas qualidades devem estar incorporadas no ofício do arquiteto e urbanista. Segundo Azevedo (2014), nas variadas instâncias do dia a dia, em nosso cotidiano, assumimos também o papel de um professor, seja em casa, seja no trabalho ou em qualquer lugar. Ensinar é uma tarefa que necessita olhar o outro, a interpretar as suas dificuldades e potencialidades, e com isto, contribuindo para o progresso onde, às vezes, só parece haver grandes obstáculos.

Aprender e ensinar, ensinando e aprendendo, faz de cada indivíduo uma pessoa com mais tolerância, compreensiva e generosa. Pois tudo isso, são atributos necessários a todos, e não somente aqueles que irão se dedicar ao ensino como profissão. Os Arquitetos e Urbanistas, acima de tudo, devem ter sensibilidade com a dimensão humana, se responsabilizando na ética e na estética, contra as injustiças no mundo.

Como mencionado no início deste subtítulo, fazer com que a formação humanística e social no ensino de arquitetura e urbanismo ganhe uma maior dimensão e que a sua aplicabilidade se concretize de fato na sociedade, é um trabalho difícil. Destacam-se dois pontos, um referente à cooperação das competências em conjunto e o outro referente à qualidade do ensino na forma como a academia poderá conduzir.

Pode parecer um tanto idealista esta proposta, mas considerando a situação daqueles economicamente e socialmente subalternizados, incluindo os excluídos e marginalizados, que não tem acesso a uma moradia digna impactando diretamente na saúde e na qualidade de vida, o direito à cidade não sendo reconhecido plenamente, os danos causados pela especulação imobiliária, a visão limitada que a sociedade tem do profissional, assim como outros fatos indesejáveis, este trabalho torna-se fundamental, prioritário e que demanda inclusive certa urgência para a solução de problemas exemplificados acima.

Referências Bibliográficas

ABEA, [ed.]. 1977. *Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil*. São Paulo : Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1977. p. 93.

ALMEIDA, A. Betâmio de. 1976. *A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*. [ed.] BEP-Biblioteca do Educador Profissional. s.l. : Livros Horizonte, 1976.

ALMEIDA, Eneida de e Bogéa, Marta. 2016. Patrimônio como Memória, Memória como Invenção. *IV ENANPARQ*. Porto Alegre, RS : s.n., Julho de 2016. p. 21.

ALMEIDA, Lorili Chaves de. Criatividade no Ensino Superior de Arquitetura. s.l. : Universidade Federal Fluminense. p. 7.

Autores, Vários. Georges-Eugène Haussmann. *Wikipedia*. [Online] https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges-Eugene_Haussmann.

AZEVEDO, Jorge Baptista de. Dinâmicas para Sala de Aula. p. 3.

_____. **2014.** Necessidade e importância da formação para o ensino. Disciplina didática aplicada. [A. do livro] Maria de Lourdes Costa e Maria Lais Pereira da Silva. [ed.] FAPERJ. *Produção e Gestão do Espaço - Livro comemorativo de 10 anos do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense*. Niterói : [casa 8], 2014, 1, pp. 24-34.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. 2002. O Planejamento em Educação: Revisando conceitos para mudar concepções e práticas. Petrópolis, RJ : s.n., 2002.

BENOIT, Leila Oliveira. Arquitetura e luta de classes: uma entrevista com Sérgio Ferro. p. 10.

COMAS, Carlos Eduardo. 1986. *Projeto Arquitetônico - Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. São Paulo : Projeto, 1986. p. 96.

CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. 2012. A Reforma Lúcio Costa e o Ensino da Arquitetura e do Urbanismo da ENBA à FNA (1931-1946). *IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"*. João Pessoa, PB : Universidade Federal da Paraíba - anais eletrônicos, Julho/Agosto de 2012. p. 18.

CROSS, Jack. 1983. *O Ensino de Arte nas Escolas*. [ed.] Universidade de São Paulo. [trad.] Octavio Mendes Cajado. São Paulo : Cultrix, 1983. p. 136.

ELALI, Gleice Azambuja e Veloso, Maísa. 2016. A Criatividade no Processo de Ensino/Aprendizagem do Projeto de Arquitetura no Brasil - Um Panorama Geral. *IV ENANPARQ*. Porto Alegre, RS : s.n., Julho de 2016. p. 17.

FREIRE, Paulo. 2019. *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa*. 58. Rio de Janeiro; São Paulo : Paz e Terra, 2019. p. 143.

GUTERMAN, Bruna e Barros, Danielle. Ensino e Didática - dinâmicas e práticas de ensino. p. 29.

HALL, Stuart. 2019. *A identidade cultural na pós-modernidade*. [trad.] Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. Rio de Janeiro : Lamparina, 2019. p. 64.

HARVEY, David. 2015. *David Harvey, um dos mais influentes pensadores marxistas, expõe o papel central da urbanização na economia mundial*. [ed.] Revista Arquitetura e Urbanismo AU. s.l. : PINI, Fevereiro de 2015. pp. 54-57.

HEIDEGGER, Martin. 2018. *Identidade e Diferença*. Petrópolis : Vozes de Bolso, 2018. p. 55.

LIMA, Amanda. 2013. Conhecendo nossos estudantes: origens, bases de leitura, relação com o desenho e motivos de escolha da graduação em Arquitetura e Urbanismo. *Didática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo*. Niterói, RJ : PPGAU-UFF, 2013. p. 4.

LINS, Dávilla Priscila Lima Barreto. 2013. Projeto e Ensino. *Didática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo*. Niterói, RJ : PPGAU-UFF, 2013. p. 5.

LUAIZA, C.Benito Almagner. 2000. Pedagogia e Didática: duas ciências independentes. 2000. p. 17.

MEDEIROS, Adelardo Adelino Dantas de. 2010. Elaboração do Programa de Disciplinas. UFRN *Curso de Atualização Pedagógica*. Julho de 2010. DCA, p. 9.

MEIRA, Maria Elisa, Senra, Kelson Vieira e Hoelz, Eneida. 1997. *Arquiteto faz projeto. E também faz...* Rio de Janeiro : FNA, 1997. p. 145.

MORIN, Edgar. 2004. *Saberes Globais e Saberes Locais - o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro : Garamond, 2004. p. 76.

NASCIMENTO, Aline. 2013. Planejamento do Curso - Ementa/ Programa Pleno/ Programa/ Plano de Aulas. PPGAU-UFF *Didática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo*. 2013. p. 22.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de e Perpétuo, Maini de Oliveira. 2005. O Ensino na Primeira Escola de Arquitetura do Brasil. s.l. : Vitruvius, Novembro de 2005. p. 5.

PEREZ, Antonio Carrizosa. O tempo na aula. Incremento da produtividade através de um programa de gestão do tempo e eficiência em alunos da Universidade. p. 8.

PINTO, Valeska Peres e Eiras, Isabel Cristina. 2001. *A Educação do Arquiteto e Urbanista - Reflexões da Professora Maria Elisa Meira*. Piracicaba : UNIMEP, 2001. p. 160.

SANTOS, Boaventura de Souza. 2004. *A Universidade no Século XXI*. São Paulo : CORTEZ, 2004. p. 120.

_____. 2018. Boaventura: os conceitos que nos faltam. 2018. p. 2.

SBAFFI, Paula Carvalho e Pereira, Aparecida Veloso. 2017. A Lugaridade da Escola no Tempo da Cidade: Análise Crítica sobre o Estudo da Arquitetura no Brasil. Niterói, RJ : PPGAU-UFF, 2017. p. 21.

SOUZA, Alberto. 2001. A Tradição Francesa do Ensino Acadêmico. *O Ensino da Arquitetura no Brasil Imperial*. João Pessoa : Editora Universitária UFPB, 2001, 3, pp. 45-54.

